

# Efeito racional e efeito emocional: um estudo pragmático da cognição humana

## Rational Effect and Emotional Effect: a Pragmatic Study of Human Cognition

Sebastião Lourenço dos Santos<sup>1</sup>  
Elena Godoy<sup>2</sup>

DOI: 10.19177/memorare.v7e2202044-58

**Resumo:** O interesse pela influência das emoções sobre a linguagem humana remonta à Grécia antiga, sendo que, ao longo da história, a dicotomia corpo/mente mostrou-se bastante aguda, principalmente na Filosofia, com Espinosa, Santo Agostinho, Kant e Descartes, para quem as emoções seriam sinal de distúrbio e uma mente sadia seria aquela que estivesse livre das paixões. Tomando como referência a Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001), emparelhada aos estudos de Damásio (1994, 2004), o objetivo deste estudo é advogar em favor de uma integração mental que congrega razão e emoções na interpretação discursiva. A motivação que norteia o estudo parte do pressuposto de que, na interpretação de enunciados conversacionais, o efeito do significado interpretado não é apenas um produto da razão, mas é também, em alguma medida, afetado pelas emoções e sentimentos. As conclusões apontam para a ideia de que o desejo é o gatilho mental disparador do processo inferencial humano.

**Palavras-chave:** Emoção. Razão. Interpretação.

**Abstract:** The interest on the influence of emotions on human language dates back to ancient Greece, and throughout history, the body/mind dichotomy has proven to be quite acute, especially in Philosophy, with Espinosa, St. Augustine, Kant and Descartes, for whom emotions would be a sign of disorder and a healthy mind would be one that was free of passions. Taking as reference Relevance Theory (SPERBER; WILSON, 2001), paired to the studies of Damásio (1994, 2004), the objective of this study is to advocate in favor of a mental integration that combines reason and emotions in the discursive interpretation. The motivation that underlies the study assumes that in the interpretation of conversational statements, the effect of interpreted meaning is not only a product of reason, but is also, to some extent, affected by emotions and feelings. The conclusions point to the idea that desire is the shooter mental trigger of the human inferential process.

**Keywords:** Emotion. Reason. Interpretation.

---

<sup>1</sup> Mestrado e Doutorado em Estudos Linguísticos. Professor de Língua Espanhola do Departamento de Estudos da Linguagem e do Mestrado Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: lorecutp@hotmail.com.

<sup>2</sup> É graduada em Letras Espanhol/Inglês pela Universidade Pedagógica de São Petersburgo (Rússia, 1976), Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (1988), Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1992), onde também realizou seu Pós-Doutorado (2007). E-mail: elena.godoi@gmail.com.

## 1 Introdução

O modelo cartesiano de pensamento fez com que os filósofos, durante séculos, e os linguistas, posteriormente, não dessem muita importância à relação entre emoções e linguagem. No entanto, os avanços das ciências naturais, com Darwin na área da Biologia e Freud na área da Psicologia/Psicanálise, impulsionaram substancialmente os estudos envolvendo mente/cérebro. As emoções, contudo, permaneceram obscuras às ciências naturais, dado que os estudiosos de várias áreas estavam mais interessados nos estudos da razão e do pensamento lógico.

Ao final do século XX, com o advento das Neurociências, da Psicologia Cognitiva e com o auxílio da computação, se intensificaram as pesquisas centradas na cognição. Foi nesse período que a abordagem cognitivista das emoções teve sua guinada científica e entrou de vez para a academia, de modo que diferentes perspectivas teóricas refutaram o modelo dicotômico de Descartes e apontaram muitos e novos caminhos para a pesquisa. Embora os estudos sobre as emoções tenham avançado nas últimas décadas, atualmente qualquer investigação que pretenda tratar do assunto deve seguir com cautela, pois a área é complexa e delicada e o terreno ainda precisa ser desbravado.

Na perspectiva cognitivista da Pragmática, apostar apenas na racionalidade como eixo norteador da interpretação humana é, no mínimo, embora menos arriscada, uma postura metodológica limitada e inacabada. A Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001), por exemplo, sendo um modelo arrojado de conceber a comunicação e a cognição, ao creditar o processamento interpretativo apenas na razão e na informatividade dos enunciados, limita a interpretação a uma parte do significado. Como em diferentes culturas a interação verbal ocorre sob o prisma de uma complexa rede discursiva, na qual os interlocutores são fortemente influenciados por fatores extralinguísticos, tais como conhecimento de mundo, posições e distâncias sociais, crenças, princípios e valores socioculturais, experiências e vivências idiossincráticas, a hipótese que guia o nosso estudo é a de que o processamento interpretativo humano contempla tanto efeitos informativos quanto efeitos emotivos.

Assim, a partir da perspectiva de que a linguagem verbal coloca razão e emoção em ação conjunta, nosso objetivo neste estudo é defender a ideia de que, na interpretação de enunciados conversacionais, o efeito informativo racional e o efeito psicológico emocional, apesar de organicamente pertencerem a domínios diferentes, são interfaceados por estruturas mentais comuns. A defesa dessa ideia terá como sustentação basilar a Neurociência Cognitiva (GAZZANIGA; IVRY; MAGNUM, 2006 e DAMÁSIO, 1994, 2004) e a Psicologia Cognitiva (LEDOUX, 1996 e STERNBERG, 2010), perspectivas que serão alinhadas aos pressupostos cognitivo-rationais da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001).

## 2 Os limites da Teoria da Relevância

O modelo teórico proposto por Sperber e Wilson (2001), conhecido como Teoria da Relevância (TR), aposta na racionalidade humana como construto operacional do comportamento comunicativo. Segundo os autores, na interação conversacional a racionalidade tende naturalmente a selecionar os estímulos que são potencialmente mais relevantes e a processá-los de maneira mais produtiva. Nesse modelo, a cognição humana se orienta pela busca natural de alto efeito contextual (benefício) com um mínimo de esforço (custo) de processamento de enunciados. Essa relação do efeito/esforço é a chave do conceito de relevância, que prediz que quanto maior o benefício e menor o custo de processamento, maior é a relevância de um enunciado.

Nesse modelo, o processamento cognitivo humano é uma vocação natural de raciocínio complexo integrado a uma base de cálculo mental sobre uma lógica inferencial não trivial – cálculo que combina informações novas com informações armazenadas na Memória Enciclopédica e deriva conclusões válidas. Por esse viés, o processamento interpretativo humano, sendo ostensivo-inferencial, cessa quando o efeito de interpretação informativa atinge a relevância ótima. No entanto, ao embasar-se apenas na razão como elemento propulsor do processo dedutivo-inferencial, a TR reinventa Descartes e se caracteriza como cartesiana: o corpo sem mente sugere que a razão é desligada da emoção, isto é, falantes e ouvintes não experimentam emoções nem manifestam sentimentos quando interagem verbalmente.

Com base nesses argumentos, Costa (2005) levanta um quadro interessante de contextos discursivos que põe em xeque a ideia relevantista de que a razão por si só comanda o processo ostensivo-inferencial de custo/benefício. Casos como o discurso amoroso, a conversa *light*, a cultura de massa, perguntas e respostas, conversas telefônicas, cumprimentos e contatos, a navegação redundante, e outros, não se encaixam na proposta da TR. De acordo com o autor, o clichê afetivo “Eu te amo” do discurso amoroso não é compatível com o conceito de relevância informativa, pelo menos não do modo como é previsto pela TR. Segundo Costa, neste caso, a informação é a mesma nas suas diversas ocorrências, já que não há maiores benefícios informativos, pois o custo operacional do processamento do enunciado amoroso não parece ser compensado pelo princípio de relevância: a cognição se dirige às informações mais relevantes.

Portanto, assumir que efeitos emocionais também guiam o processo cognitivo choca-se com os preceitos da TR, uma vez que, segundo Costa, a relação custo/efeito de processamento interpretativo faria parte de um processamento dedutivo trivial. O princípio da trivialidade sugere que a relevância de toda e qualquer interpretação discursiva é determinada por benefícios emocionais. Em tal caso, a anuência de benefício afetivo e a hipótese de baixo custo da relevância informativa enfraqueceriam os alicerces que sustentam os pressupostos da TR e jogariam por terra a noção de relevância, uma vez que o efeito racional sempre estaria, digamos, “contaminado” pelo efeito emotivo.

Carston e Wilson (2019), no entanto, apontam que enunciados como o elencado por Costa são negligenciados pelos estudos

pragmáticos, posto que a agenda da Pragmática privilegia, na maioria das vezes, estudos focados na indeterminância, na indiretividade, na ironia ou na vaguidade dos enunciados. O estudo de Carston e Wilson nos leva a inferir que o efeito de interpretação de enunciados, como os elencados por Costa, se ajusta ao que Moeschler (2009) classifica como “efeito não proposicional”<sup>3</sup>. Segundo Sperber e Wilson (2001), o efeito não proposicional faz parte de um leque de efeitos determinados pelas implicaturas fracas, as quais derivam efeitos “poéticos”. Para os autores, “[...] os efeitos poéticos criam impressões comuns e não conhecimentos comuns. As elocuições que têm efeitos poéticos podem ser utilizadas precisamente para criarem esse sentido de uma mutualidade aparentemente afectiva em vez de cognitiva” (2001, p. 332).

No entanto, parece inquestionável que subjacente à comunicação humana há fatores extralinguísticos que, dependentes do desenho prosódico e rítmico dos enunciados dos interlocutores (MAJID, 2012)<sup>4</sup>, modelam tanto a ostensão do falante quanto a interpretação do interlocutor. Não é só relevância informativa que está vinculada à ostensão ou à interpretação, mas, e não menos interessante, como se verá mais adiante, há muito de relevância emotiva em jogo e que vai influenciar diretamente o efeito de interpretação, pois se “sua mente dispuser apenas de cálculo racional puro, vai acabar por escolher mal e depois lamentar o erro, ou simplesmente desistir de escolher, em desespero de causa” (DAMÁSIO, 1994, p. 204).

Então, jogar com a ideia de que a interpretação racional está numa relação de interdependência com a emotividade, tal qual nós defendemos neste estudo, é uma aposta interessante e sua comprovação pode ser bastante produtiva aos estudos pragmáticos porque, conforme tentaremos demonstrar, além da proposta não defrontar a Teoria da Relevância, a ela se alinha, dando-lhe sustentação teórica sobre o conceito de “efeito” na interpretação.

### 3 Por uma teoria pragmática das emoções e sentimentos

Nas últimas quatro décadas, no mundo todo, a Pragmática impulsionou substancialmente os estudos da linguagem e possibilitou vários *insights* sobre aspectos linguísticos obscuros à Psicologia Cognitiva. Como as Neurociências e a Psicologia Cognitiva fornecem argumentos sólidos sobre como as emoções interagem com a cognição e, em consequência, influenciam a comunicação humana, para defender a hipótese de que o efeito informativo do processamento inferencial de um enunciado está numa relação de contraparte emotiva de significação, norteamos o estudo na premissa de que o “desejo” em um ato comunicativo é o gatilho que dispara uma ponte entre a psicologia das emoções – que atribui valores diferenciados às representações mentais – e a cognição – que opera a partir da valoração das representações contextuais.

Gazzaniga e seus colaboradores ressaltam que:

<sup>3</sup> De acordo com Bastos (1996), um enunciado pode ser não proposicional, mas a imagem da emoção disparada pelo enunciado pode ser proposicional (imaginação ativa).

<sup>4</sup> De acordo com Majid (2012), a relação entre linguagem e emoções pode ocorrer tanto no nível fonético-prosódico quanto no nível lexical (interjeições, ideofones, metáforas etc.), gramatical (morfologia e sintaxe) ou discursivo (interpretação, compreensão, conversação etc.).

[...]. Parece não ser mais interessante estudar emoção sem cognição e vice versa. A emoção, como outros comportamentos mentais, tem características únicas e definidas. Entretanto, nossa compreensão da neurociência da emoção não pode ser separada de outros comportamentos considerados mais “cognitivos”. [...] Os sistemas neurais da emoção e cognição são independentes e interdependentes. (GAZZANIGA; IVRY; MAGNUM, 2006, p. 563).

Nesse quesito, Damásio (1994) enfatiza que as emoções se coadunam com o processo de decisão do raciocínio humano e afetam diretamente a interpretação de enunciados. Para o neurocientista,

Conhecer a relevância das emoções nos processos de raciocínio não significa que a razão seja menos importante do que as emoções, que deve ser relegada para o segundo plano ou deva ser menos cultivada. Pelo contrário, ao verificarmos a função alargada das emoções, é possível realçar seus efeitos positivos e reduzir o potencial negativo. Em particular, se diminuir o valor da orientação das emoções normais, é natural que se queira proteger a razão da fraqueza que as emoções anormais ou a manipulação das emoções normais podem provocar no processo de planejamento e decisão. (DAMÁSIO, 1994, p. 252).

Segundo Newman e Zink (2013), não há na literatura especializada um consenso sobre quantas e quais sejam as emoções humanas, tampouco são consensuais as grades/graduações dos níveis emocionais, sendo os mais explorados os níveis referentes às pré-emoções, emoções básicas, primárias, secundárias, terciárias e de fundo. No entanto, o psicólogo Paul Ekman (1971), ao analisar as expressões faciais em diversas culturas, concluiu que “tristeza”, “alegria”, “raiva”, “aborrecimento”, “nojo” e “surpresa” representam as emoções universais<sup>5</sup>.

Para o senso comum, geralmente as emoções se confundem com os sentimentos. Ledoux (1996) conceitua emoções como sendo reações psico-orgânicas sensíveis a percepções experienciais voláteis, novidadescas, não conscientes, comandadas pela mente, mas não por ela controladas, diante de uma situação excitante repentina. Damásio (2004), por sua vez, explica que o sentimento é a experiência mental subjetiva da excitação emocional perturbadora, isto é, a representação, a vivência, a memória, a consciência da emoção. A partir da perspectiva naturalista-evolutiva de que a emoção é uma reação mental adaptativa a uma mudança situacional (MERCIER; SPERBER, 2017), constituindo inicialmente o sistema de defesa do indivíduo (LEDOUX, 1996), apresentamos, no quadro 1, um panorama da relação entre emoções e sentimentos.

---

<sup>5</sup> Ekman somente adicionou a emoção “desprezo” à sua lista de emoções universais nos anos 80. Para maiores detalhes, veja Ekman (2006).

Quadro 1: emoções e sentimentos

Pré-Emoções	Emoções Básicas	Emoções Cognitivas	
		Sentimentos Primários	Sentimentos Secundários
BEM-ESTAR (Conforto)	Alegria	Contentamento	Amor
		Satisfação	Felicidade
MAL-ESTAR (Desconforto)	Tristeza	Decepção	Vergonha
		Insatisfação	Frustração
	Raiva	Irritação	Aborrecimento
		Fúria	Ódio
	Medo	Ameaça	Intimidação
		Ansiedade	Ciúme/Inveja
	Nojo	Repugnância	Náusea
		Asco	

Fonte: Adaptado de Newman e Zink (2013)

Do quadro, deduzimos que (ao que parece) alegria e tristeza são os dois lados da mesma moeda e o ser humano vivencia essas emoções básicas muito mais do que as outras. Daí que Damásio (2004) exorta que “os sentimentos de dor ou prazer são os alicerces da mente” humana (p. 11). Ao defendermos a ideia de que as emoções se imbricam à interpretação racional, parece bastante coerente presumirmos que o processamento cognitivo demanda dois tipos de efeitos mentais: a) efeito informativo, e b) efeito emotivo. Se nossas suposições estiverem corretas, como pensamos que estão, é sensato presumirmos também as seguintes condicionantes: a) se para a TR as representações conceituais das informações processadas formam a Memória Enciclopédica, as emoções cognitivas (sentimentos), contendo os estados afetivos, formam a Memória Emotiva; b) e, se na interpretação, a Memória Enciclopédica é fonte de informações antigas para o processamento de novos *inputs*, a Memória Emotiva também é, em maior ou menor grau, fonte de conteúdos emocionais correlatos à representação dos conceitos armazenados.

Damásio (1994) justifica o trabalho de Paul Ekman (1971) sobre as emoções em diferentes culturas e afirma que o despertar das emoções está atrelado ao meio em que o indivíduo se insere. Nesse sentido, Damásio esclarece que a mente humana evoluiu para, no estado de consciência mesmo que inconscientemente (DI BIASE et alii, 2005 e HILL, 2011), desejar sempre a busca pelo seu bem-estar. Para a Psicologia/Psicanálise, o desejo nasce das experiências de satisfação (ARAÚJO, 2018). Segundo Carter et alii (2012), o desejo é “[...] um impulso complexo, que reflete fortemente preferências pessoais. Possui dois componentes distintos: gostar e querer (p. 128)”. Mais: “gostar refere-se à obtenção de prazer, enquanto querer associa-se à necessidade real de alguma coisa” (idem).

O desejo, para Damásio (2004), encontra ressonância nas ideias do filósofo holandês Baruch de Espinosa, para quem o desejo corresponde a um esforço inato que nutre o homem de uma força interna que tende a opor-se a tudo que ameaça sua existência. Afinal, “O desejo (*Cupiditas*) é

a própria essência humana, enquanto esta é concebida como determinada a fazer algo por uma afecção qualquer nela verificada” (ESPINOSA, 1997, p. 323). Ademais,

A essência da alma é constituída por ideias adequadas e inadequadas; por consequência, enquanto tem umas como enquanto tem outras, ela esforça-se por perseverar no seu ser; e isso por uma duração indefinida. Ora, como a alma, pelas ideias das afecções do corpo, tem necessariamente consciência de si mesma, tem consciência de seu esforço (ESPINOSA, 1997, p. 284).

Ao esforço de preservação humana Espinosa chama de *conatus*. De acordo com Silva (2011), o *conatus* diz respeito ao desejo de autopreservação que nunca cessa, uma vez que impulsiona a razão ao esforço constante da busca para acabar com as angústias e superstições que negam o prazer e a felicidade. Destarte, a presunção de que a interpretação de enunciados conversacionais veicula uma estrutura racional e uma emocional e, sendo o desejo o estado que orienta aquilo que queremos usufruir ou ter (CHAUÍ, 2011), as proposições de Carter et alii, sobre “gostar” e “querer”, e de Espinosa, de que a mente está sempre orientada à busca de conhecimento, apontam para a ideia de que a interpretação humana se imbrica a dois níveis de desejos: a) desejo intelectual – com vistas ao conhecimento e b) desejo emocional – com vistas ao bem estar. Ao postularmos tal ideia, assumimos a defesa de que o desejo é uma propriedade imanente ao ser humano que engendra a vida e, em consequência, norteia sua interação com o mundo.

E como essas ideias se aplicam à prática da linguagem? Tomemos o seguinte diálogo idealizado contextualmente do cotidiano de um casal. A mulher volta do cabeleireiro e, ao chegar em casa, pergunta para o marido:

M – O que achou do meu cabelo?

H – É... ficou bom!

Inicialmente devemos esclarecer que nosso objetivo neste estudo se centra na interpretação humana e, em consequência, sobre os efeitos oriundos dessa interpretação. Isso significa que, no caso em questão, o estudo não abarca a produção enunciativa interrogativa da mulher, mas tem como foco a análise dos efeitos disparados pela resposta do marido a essa pergunta<sup>6</sup>.

A partir da réplica do marido, com base nos pressupostos da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001), na Neurociência Cognitiva (GAZZANIGA; IVRY; MAGNUM, 2006 e DAMÁSIO, 1994, 2004) e na Psicologia Cognitiva (LEDOUX, 1996 e STERNBERG, 2010), analisaremos os processamentos cognitivos e os efeitos emotivos da interpretação da mulher. A explicação pode ser descrita da seguinte maneira: a sequência fônica do enunciado é cognitivamente restringida a um código neuronal (forma lógica (FL) – uma linguagem de

<sup>6</sup> Sobre as emoções nos enunciados, a referência é a obra “As emoções no discurso” (2007, 2010) do grupo o trabalho do Núcleo de Análise do Discurso FALE/UFMG coordenado pelas professoras Ida Lúcia Machado e Emília Mendes. Acorados nos componentes da eficácia argumentativa de Aristóteles, *ethos*, *pathos* e *logos*, os estudos do grupo objetivam a análise do efeito emotivo do discurso do “eu comunicante” sobre um “auditório/ouvinte”, efeito que pode ser usado como estratégias objetivas de sedução, persuasão ou manipulação.

processamento mental) e chega à Memória de Curta Duração da mulher. A Memória de Curta Duração é uma estrutura que possui a propriedade imanente de estar sempre *online*, ligada a tudo que esteja disponível aos sentidos humanos. No entanto, como essa memória é operacionalmente limitada, o ser humano não consegue processar esse “tudo” de modo eficaz.

De acordo com a TR, a cognição humana tem a propensão de processar os *inputs* mais relevantes; contextualmente a seleção desses *inputs* é feita pela estrutura Atenção Seletiva. Neste nível, a FL é orientada a duas estruturas ao mesmo tempo: a) Memória Enciclopédica e b) Estruturas Límbicas. As Estruturas Límbicas, ao serem ativadas, ficam preparadas para o acionamento do processamento emocional.

A FL do enunciado “É ficou bom” ao chegar à Memória Enciclopédica da mulher verifica se já existe ali alguma referência armazenada sobre o enunciado. Não havendo nenhuma representação conceitual para a informação nova, a Memória Enciclopédica ativa o domínio Interesse para a FL. Sendo do interesse da mulher, a FL é submetida ao crivo inferencial da Memória Dedutiva, que processa todas as informações contextuais oriundas dos estímulos sensoriais ativados no instante do pronunciamento do enunciado. O produto das operações inferenciais da Memória Dedutiva é um misto das informações contextuais a serem processadas com as informações já armazenadas na Memória Enciclopédica da mulher. Dizemos que esse produto corresponde à imagem mental do enunciado (BASTOS, 1991). Conceitualmente, chamamos essa imagem mental de “holograma semântico”. De acordo com Penz,

Uma holografia semântica seria, pois, o processo pelo qual se analisam as projeções do significado em suas mais variadas dimensões, sem recorrer a abstrações mais vagas, dispondo os elementos, antes, em uma distribuição formalizada de interfaces simétricas, ou seja, que contribuam mutuamente na representação ou na composição do ente ontológico inédito. O produto desse processo seria, pois, um holograma semântico, resultado de um procedimento cuja finalidade primordial é refinar a noção de significado complexo, operacionalizando-a (PENZ, 2019, p. 12).

O holograma semântico é, portanto, a imagem virtual tridimensional gerada pela cognição a partir do enunciado, ou seja, a figura, a representação que a mente cria para o conteúdo do enunciado. Por outras palavras, o holograma semântico é a projeção da “forma do conteúdo” do enunciado no mundo do ouvinte (ou em um mundo provável/possível a ele). Vale destacar que a imagem-holograma só pode ser mentalmente representada na Memória Enciclopédica se fizer/tiver “sentido” semântico no(s) mundo(s) do ouvinte. Se assim for, o processamento de interpretação segue adiante. Caso contrário, a cognição ou faz novas inferências até projetar um novo holograma que se encaixe semanticamente (faça/tenha sentido) no mundo (ou em um dos mundos) do ouvinte ou abandona o processo.

Uma vez consolidado o holograma a um estado mental de mundo para o ouvinte, esse holograma chega à instância Vigilância Epistêmica. Para Sperber et alii (2010), a Vigilância Epistêmica é um raciocínio que avalia o quão confiável é a pessoa com a qual interagimos. Nesse estágio, a cognição é orientada à preservação de um otimismo cauteloso em

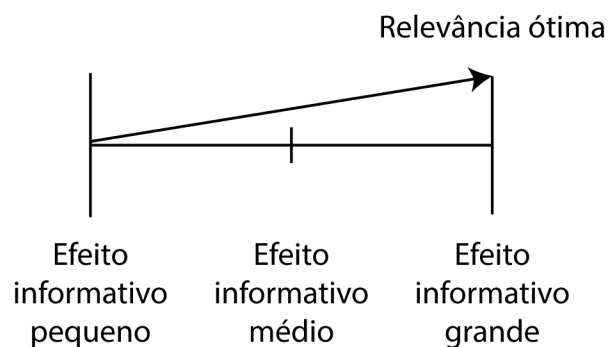


detrimento de um otimismo ingênuo acerca da prevenção da verdade que fazemos daquilo que as pessoas nos dizem. Caso o holograma não corresponda semanticamente à verdade no mundo do ouvinte, a Vigilância Epistêmica o envia novamente à Memória Dedutiva que, sendo do desejo e do interesse do ouvinte, poderá ser submetido a novas inferências – o que aumenta o custo inferencial. Não sendo desejado e nem do interesse do ouvinte, a Memória Dedutiva cessa o processamento.

Transposto o crivo da Vigilância Epistêmica, o holograma chega à estrutura Relevância. Para Sperber e Wilson (2001), a relevância é uma propriedade cognitiva que avalia se a informação vale a pena ser processada. Como o desejo é a essência da vida, temos neste estágio a ação dos Desejos da mulher (descreveremos primeiramente o percurso informativo do enunciado, retornado à descrição emotiva mais adiante). Nesta estrutura, o holograma, impulsionado pelo desejo intelectual, potencializa a relevância informativa (RI) do ouvinte – quanto mais/menos o ouvinte deseja a informação, mais/menos relevante ela se torna. Dizemos que a RI é o gatilho que conduz o holograma à otimização potencial da informação. A potencialização da RI sobre o holograma impacta no seu efeito informativo, isto é, seu conteúdo.

Cognitivamente, o efeito informativo corresponde ao alívio das operações inferenciais feitas pela Memória Dedutiva para interpretar o enunciado. É como se a mente dissesse “Estou satisfeita com a verdade desse conteúdo”<sup>7</sup>. Ou seja, o efeito informativo é o domínio mental da saturação da RI de um enunciado. Ilustramos, no gráfico 1, como se dá a relação relevância informativa (RI) *versus* efeito informativo na interpretação feita pela mulher sobre o enunciado “É... ficou bom” do marido.

Gráfico 1: Otimização da Relevância Informativa (RI)



Fonte: os autores.

Para Sperber e Wilson (2001), o efeito na comunicação humana é o benefício cognitivo resultante da interpretação que o interlocutor faz do enunciado. Na mesma linha, Bara (2010) se refere a um efeito

<sup>7</sup> Cognitivamente, o efeito informativo diz respeito ao estado mental que contém a acreditação na verdade (provável ou possível) da relevância de um estado de coisas do mundo manifesto ao ouvinte.

comunicativo atrelado aos estados mentais dos interlocutores. Para o autor, o efeito, para um indivíduo, é o conjunto de estados mentais resultante da intenção comunicativa do falante, conjunto esse que deve ser reconhecido pelo ouvinte.

Uma vez saturado o efeito informativo (atingida a relevância ótima), no nível da consciência, o holograma tem, então, uma implicação contextual para a mulher – uma experiência mental do enunciado. A tomada de consciência da mulher sobre o holograma é o que nós chamamos “significado”. Perfazendo o percurso cognitivo, o holograma segue à Memória Enciclopédica, onde será aferido às informações ali existentes, de modo que a nova representação promova um aperfeiçoamento nas representações já armazenadas. Então, o holograma “É... ficou bom” se instala na Memória Enciclopédica como conhecimento novo (um conceito). Uma vez atingido esse estágio, a Memória Dedutiva cessa o processamento inferencial informativo.

No tocante ao processamento emotivo, este será descrito da seguinte maneira: concomitante ao processamento informativo, a FL ao dirigir-se à Memória Enciclopédica da esposa, também chega às Estruturas Límbicas, que vão ficar engatilhadas para disparar reações neuroquímicas sobre o conteúdo do efeito emotivo. De acordo com Gazzaniga, Ivry e Magnun (2006), pesquisas recentes apontam que o Sistema Límbico já foi considerado o centro das emoções, onde o hipocampo era a base das experiências emocionais. Isso sugere que não há um “cérebro emocional” separado do resto do cérebro, mas, sim, uma rede complexa de sistemas neurais subjacentes a comportamentos emocionais específicos. Destarte, o efeito emotivo na interpretação do enunciado “É... ficou bom” não corresponde organicamente à ativação de uma única estrutural mental, mas é resultado do processamento dessa rede complexa de estruturas. Sendo assim, as Estruturas Límbicas vão “ativar” a estrutura Desejo, que por sua vez dispara o “desejo emocional” para o enunciado. Organicamente, o desejo emocional é um impulso que impele o ser humano à busca pela satisfação/prazer.

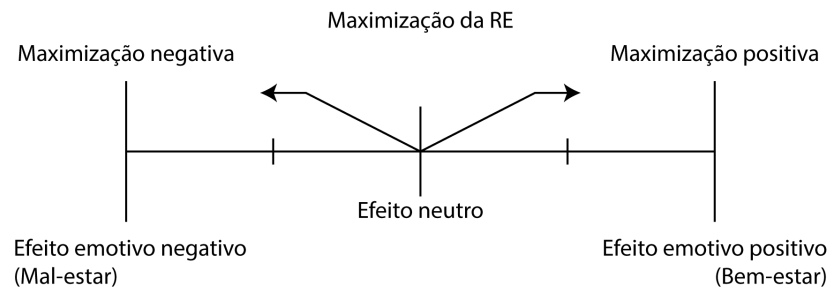
Psico-cognitivamente, o desejo emocional é uma atividade mental que comanda a valoração positiva/negativa da interpretação, valoração essa que vai impactar diretamente sobre a maximização da relevância do enunciado. É o que nós chamamos de Relevância Emotiva (RE). Em termos procedimentais, a RE é uma instância de ação psico-cognitiva que, conjunta a RI, maximiza o efeito emotivo positiva ou negativamente, para mais ou para menos, de acordo com a valência e o potencial psicológico disparado pelo enunciado (ou por estímulos internos: pensamentos, lembranças, desejos, vontades, necessidades etc.).

Como as emoções e sentimentos estão intimamente relacionadas à avaliação psico-cognitiva individual das circunstâncias em que os enunciados ocorrem, de acordo com o quadro 1, para o caso em evidência, as expectativas de interpretação sobre o enunciado do marido podem gerar na esposa, por um lado, as emoções básicas alegria ou tristeza. A alegria vai desembocar nos sentimentos: contentamento, satisfação, amor e felicidade; por sua vez, a emoção tristeza vai gerar: decepção, insatisfação, vergonha e frustração. Portanto, a interpretação do enunciado do marido gera na esposa um efeito tal que, a depender da avaliação que ela faça, esse efeito será maximizado positiva ou

negativamente, ao máximo ou ao mínimo. Organicamente dizemos que o efeito emotivo é o estado mental emergente da ativação de estados emocionais categorizados<sup>8</sup> na Memória Emotiva. O conteúdo dessa excitação será armazenado na Memória Emotiva como sendo a experiência/vivência do efeito emotivo do enunciado. É o que nós conceituamos como Sentimento.

Para ilustrarmos esse processo, apresentamos, no gráfico 2, como ocorre a relação Relevância Emotiva (RE) *versus* efeito emotivo na interpretação do enunciado “É... ficou bom”.

Gráfico 2 – Maximização da Relevância Emotiva (RE)



Fonte: os autores.

Para o enunciado “É... ficou bom”, como dissemos, o efeito emotivo será categorizado na mente da esposa pela valência positiva ou negativa, a qual dispara a ação das Estruturas Límbicas. Para o efeito positivo as Estruturas Límbicas excitam as estruturas Pré-Emoções, que dispararam as valências “bem-estar/bom/agradável”. Já para o caso de efeito negativo, as Estruturas Límbicas disparam as valências “mal-estar/ruim/desagradável”.<sup>9</sup> Como há uma interface simbiótica entre a Memória Enciclopédica e a Memória Emotiva, quando o efeito positivo do holograma chega à Memória Emotiva, esta ativa o potencial da (recente) representação conceitual do holograma na Memória Enciclopédica, e o efeito emotivo, encontrando sua contraparte informativa, atinge o grau “maximização positiva da relevância”. O sentimento do enunciado “É... ficou bom” corresponde ao potencial emocional que opera na valência bom/agradável, a qual é modulada em graus de emotividade (alta intensidade e potencialização emocional) correlatos às variáveis “amor/felicidade” categorizadas na Memória Emotiva.

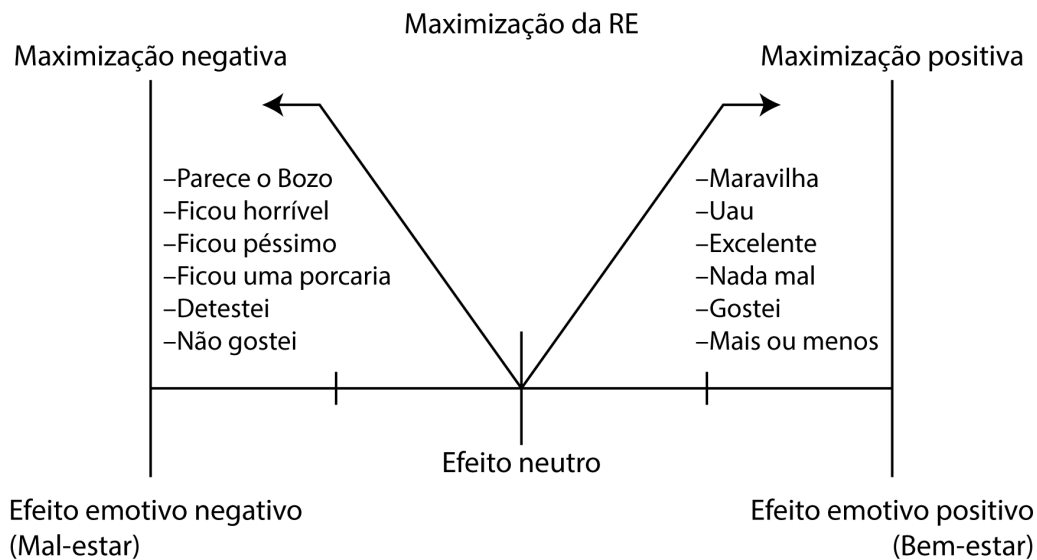
Por sua vez, quando o efeito negativo do holograma chega à Memória Emotiva, esta ativa o potencial da (recente) representação conceitual do holograma na Memória Enciclopédica, e o efeito emotivo, encontrando sua contraparte informativa, atinge o grau “maximização negativa da relevância”. O sentimento do enunciado “É... ficou bom”

<sup>8</sup> Sobre a categorização das emoções, veja Russell (1991).

<sup>9</sup> Organicamente, o que determina a categorização das emoções é o tipo de excitação neuroquímica demandada pelas Estruturas Límbicas. Para a felicidade, grosso modo, há a ativação da substância serotonina, para o medo vigora a adrenalina, o prazer e o nojo são ativados pela dopamina, a euforia advém da endorfina, o ácido gama-aminobutírico acalma, a ocitocina causa empatia, o cortisol impulsiona a raiva. Para maiores detalhes sobre o tema, consultar Esperidião-Antonio *et alii* (2008).

corresponde ao potencial emocional que opera na valência ruim/desagradável, a qual é modulada em graus de emotividade (alta intensidade e potencialização emocional) correlatos às variáveis “decepção, insatisfação, vergonha e frustração” categorizadas na Memória Emotiva. Assim, numa escala ascendente, representamos no gráfico 3 as maximizações negativa e positiva dos possíveis significados que o efeito do enunciado “É... Ficou bom!” pode implicar para a esposa.

Gráfico 3 – Maximização da Relevância Emotiva (RE) para esposa



Fonte: os autores.

A observação que fazemos entre os gráficos é que, enquanto no gráfico 1, a RI tende à **otimização** do efeito informativo, nos gráficos 2 e 3, a RE tende à **maximização**, positiva ou negativa, do efeito emotivo<sup>10</sup>. Isto significa que, como afirmamos anteriormente, a RE potencializa o efeito emotivo tanto positivamente ao máximo ou ao mínimo, quanto negativamente ao máximo ou ao mínimo. A segunda observação diz respeito à diferença entre **otimização** e **maximização**. Para a TR, na interpretação de um enunciado, a otimização da relevância informativa (RI) remete à ideia de “efeito informativo na medida certa” (gráfico 1), isto é, o processamento inferencial informativo cessa quando a interpretação atinge a relevância informativa ótima e o efeito informativo for grande (relevância informativa satisfeita). Por sua vez, a maximização da relevância emotiva (RE) é modulada em “níveis potenciais de emotividade” (gráficos 2 e 3), ou seja, o efeito emotivo é flutuante e varia de acordo com o contexto mental emocional do interlocutor.

Podemos especular um pouco mais sobre o significado que o efeito emocional pode despertar na mulher a partir de suas expectativas de interpretação. Se a expectativa dela era de que o marido comentasse o

<sup>10</sup> Embora representem performances cognitivas diferentes, RI e RE não são duas relevâncias distintas. No ato da interpretação, constituem a relevância principal atrelada à Atenção Seletiva consciente do interlocutor.

penteadado, o efeito do enunciado “É... Ficou bom” abre duas possibilidades de implicatura para ela:

a) Implicatura da esposa sobre si mesma: ansiedade (alto grau de emoção);

b) Implicatura da esposa sobre o marido: indiferença (baixo grau de emoção).

Por outro lado, se a expectativa da esposa era de que o marido elogiasse o penteadado, o efeito do enunciado “É... Ficou bom” igualmente se abre a duas possibilidades de implicatura:

a) Implicatura da esposa sobre si mesma: fiquei feia (baixa autoestima)<sup>11</sup>;

b) Implicatura da esposa sobre o marido: não gostou (decepção).

No nível reativo, a atitude mental da esposa para com o marido, frente aos efeitos emotivos que o enunciado “É... ficou bom” implicaram, pode ser pragmaticamente potencializado por um destes significados:

a) Meu marido é um insensível;

b) Meu marido não tem sentimentos;

c) Meu marido é um troglodita;

d) Meu marido é uma besta;

e) Meu marido é um idiota;

f) etc.

Concluimos, assim, que o processamento de interpretação humano não pode ser analisado sob o prisma de uma única disciplina ou teoria. Por ser dependente de um sistema complexo de redes neuronais, o modelo que mais se ajusta à explicação de tal processo só será possível a partir de uma perspectiva interdisciplinar, tal qual propomos neste estudo.

#### 4 Fechando as ideias

Com estas descrições explicamos os dois processamentos de interpretação de enunciados conversacionais, isto é, tanto o informativo quanto o emotivo. De acordo com Victória e Soares (2017), quando existe concordância entre o conteúdo emocional da informação a ser tratada e o estado emocional do ouvinte, há o fortalecimento da representação emocional e informativa nas respectivas memórias, de modo a melhorar e agilizar a acessibilidade a essas representações quando venham a ser requeridas em um novo processamento. Isso significa que quando a informação vem acompanhada de emoção sua representação conceitual é mais forte. Vale notar que, organicamente, o efeito emotivo perdura até a dissipação das reações neuroquímicas disparadas pelas Estruturas Límbicas<sup>12</sup>.

O mérito desta proposta diz respeito à viabilidade de ela estar em harmonia com a TR, uma vez que fica preservado o conceito de “efeito” oriundo do processamento informativo inferencial, de modo a não trivializá-lo. Isto é, declina a ideia de que o efeito emotivo se interpõe incondicionalmente a todas as situações de interpretação humana, amalgamando o efeito informativo – a informação permanece

<sup>11</sup> Alguns psicólogos dirão que a baixa autoestima da esposa advém do fato de ela sentir-se culpada pela decepção do marido.

<sup>12</sup> Para as emoções básicas a tendência natural é que a dissipação ocorra em poucos segundos; já para os sentimentos, a dissipação pode perdurar minutos, dias, meses e anos.

inalterável para todos os casos em que a interpretação ocorra no nível emotivo apenas.

## Referências

- ARAÚJO, T. P. de. **O desejo na psicanálise**: do objeto do desejo ao objeto causa de desejo. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- BARA, B. G. **Cognitive Pragmatics**: The Mental Process of Communication. Massachusetts: MIT, 2010.
- BASTOS, M. C. **Emoção e cognição**: questões a partir de duas perspectivas. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1996.
- CARTER, R. et al. **O livro do cérebro**. Trad. de Francis Jones. Rio de Janeiro: Agir, 2012.
- CARSTON, R.; WILSON, D. Pragmatics and the Challenge of ‘Non-Propositional’ Effects. **Journal of Pragmatics**, v. 45, p. 31-38, 2019.
- CHARAUDEAU, P. Pathos e discurso político. In MACHADO, I. L., MENEZES, W.; MENDES, E. (Org.). **As emoções no discurso**. v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna. 2007. p. 240-251.
- CHAUÍ, M. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- COSTA, J. C. da. A Teoria da Relevância e as irrelevâncias da vida cotidiana. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. esp., p. 161-169. set-dez. 2005.
- COSTA, J. C. da. Lógica e linguagem natural nas interfaces. In: COSTA, J. C. e PEREIRA, V. W. (Org.). **Linguagem e cognição**: relações interdisciplinares. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2009. p. 132-142.
- DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. 11. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2007-1994.
- DAMÁSIO, A. R. **Em busca de Espinosa**: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- DI BIASE, F; AMOSOROSO, R. **A revolução da consciência**: novas descobertas sobre a mente no século XXI. Petrópolis: Vozes, 2005.
- EKMAN, P. Universals And Cultural Differences In Facial Expressions of Emotions. In COLE, J. (Ed.). **Nebraska Symposium on Motivation**. Lincoln: University of Nebraska Press, v. 19, p. 207-282, 1971.
- ESPINOSA, B. de. **Tratado da correção do intelecto**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. Coleção Os pensadores.
- ESPERIDIÃO-ANTONIO, V.; MAJESKI-COLOMBO, M.; TOLEDO-MONTEVERDE, D., MORAES-MARTINS, G.; FERNANDES, J. J.; ASSIS, M. B. de; SIQUEIRA-BATISTA, R. Neurobiologia das emoções. **Revista Psiquiatria Clínica**, v. 35, n. 2, p. 55-65, 2008.
- GAZZANIGA, M. S.; IVRY, R. B.; MAGNUN, G. R. **Neurociência Cognitiva**: a biologia da mente. (Trad. de vários autores). 2. ed. São Paulo: Artmed-Bookman, 2006.

- HILL, C. S. **Consciência**. São Paulo: Unesp, 2011.
- LEDOUX, J. **O cérebro emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- MAJID, A. Current Emotion Research in the Language Sciences. **Emotion Review**, v. 4, n. 4, out. 2012. p. 432-443. Disponível em: <https://bit.ly/2zPihw8>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- MERCIER, H; SPERBER, D. **The Enigma of Reason: A New Theory of Human Understanding**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2017.
- MOESCHLER, J. Pragmatics, Propositional and Non-Propositional Effects: Can a Theory of Utterance Interpretation Account for Emotions in Verbal Communication? **Social Science Information**, Special Issue: The Language of Emotion – Conceptual and Cultural Issues, v. 48, n. 3, p. 447-464, 2009.
- NEWMAN, A.; ZINK, A. O jogo das emoções. In: LEAL, G. O desafio das emoções. **Revista Biblioteca Mente e Cérebro**, v. 5, p. 11-21. São Paulo: Duetto, 2013.
- PENZ, Y. F. da S. Hologramas semânticos: uma proposta metateórica para a avaliação do significado complexo na linguagem natural. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, abr./jun. 2019.
- RUSSELL, J. A. Culture and categorization of emotions. **Psychological Bulletin**, v. 110, n. 3, p. 426-450. 1991. Disponível em: <https://bit.ly/36XWzBV>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- SILVA, E. C. da. **Conatus: da essência humana à fundamentação do estado na ética de benedictus de Spinoza**. 131f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza: 2011.
- SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevância: comunicação e cognição**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- SPERBER, D.; CLÉMENT, F.; HEINTZ, C.; MASCARO, O.; MERCIER, H.; ORIGGI, G.; WILSON, D. Epistemic vigilance. **Mind & Language**, v. 25, n. 4, p. 359-393. 2010.
- STERNBERG, R. J. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: ArtMed, 2010.
- VICTÓRIA, M. S.; SOARES, A. B. Estados emocionais e processamento cognitivo: sistemas dependentes? **Psicologia em pesquisa**, Juiz de Fora: UFJF. v. 1, n. 1, p. 15-19, jan./jun. 2007.

Artigo enviado em: 12/06/2020. Aprovado em: 23/07/2020.